

Reprodução do "Gazeta", 4/12/83

CORA



Cora doceira, poeta, mãe, mulher!

Mulher do Povo, Mulher do Mato, Mulher do Mundo.

Cora Coralina foi uma das maiores poetisas que este país já teve. Seu nome completo, Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas, leva-nos ao subsolo dos primeiros povoadores do Planalto Central. Neste artigo, recompilação de sua tese de mestrado, a prof^a Marlene de Vellasco,

curadora da Casa de Cora em Goiás-Velho mostra, de uma parte, a Cora Coralina feminista, protetora das prostitutas e das lavadeiras, e de outro aspecto a Cora Telúrica - A mulher da terra, da ecologia do cerrado, do milho, da messe da natureza.

MARLENE DE VELLASCO

Casa de Cora Coralina

A Mulher do Povo — O engajamento literário é visto por alguns teóricos de uma forma bem dilatada, talvez como mecanismo de abolir o termo radicalizado de compromisso ou arte independente, deixando explícito ou implícito que a verdadeira obra de arte é o reflexo da história e do homem. Para Adorno, "não há um conteúdo objetivo, nem uma categoria formal da poesia, por mais irreconhecivelmente transformado e às escondidas de si mesmo, que não processa da realidade empírica a que se furta". Com isso e com o reagrupamento dos diferentes aspectos, graças às suas leis formais, a poesia condiciona seu comportamento para com a realidade. Para Cassiano Ri-

cardo, "o poema, independentemente de qualquer forma de participação, deve conservar sua autonomia que o fará responsável por si mesmo, a fim de que possa cumprir, por conta própria, o seu papel participante, na sociedade moderna", descartando-lhe as múltiplas possibilidades de desvelar o mundo conforme sua própria vontade e o "homem aos outros homens para que este tome, em face do objeto, assim desnudado, a sua inteira responsabilidade".

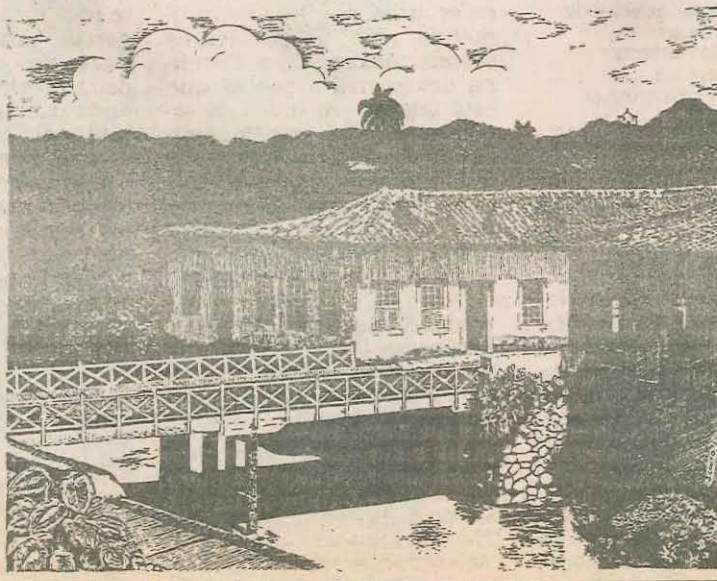
Neste sentido, podemos delinear o comprometimento de Cora Coralina ao levar para a sua poética todas as mazelas do mundo, registrando a vida degradada das personagens que povoam sua vida, tanto na terra natal, como em outras para-

gens, assumindo e denunciando de forma crítica toda a sociedade que desumaniza a pessoa. Cora Coralina traz para o texto os tipos inúteis que vivem à margem da sociedade, colocando-se ao mesmo nível deles. Ela é o próprio sujeito, é a identificação do sujeito-poeta com esse povo que anda pelo residual da vida, espoliado de uma existência digna.

No poema "Mulher da vida", Cora Coralina se torna sua aliada e cúmplice na defesa e ataque, o que lhe dá força para sair vitoriosa e assumir, no próprio discurso, a condição de sobrevivente de uma classe oprimida. E de se autocontemplar. Possibilita a reviravolta final de posição e do domínio do próprio sujeito,

mediatizado pelo instrumento de sobrevivência e principalmente de opressão. A poetisa, com todo o vigor, renasce à medida

que participa da miséria do outro, aliando a condição existencial à social, dizendo sem subterfúgio, sem máscara:



CASA VELHA DA PONTE — Cidade de Goiás
"Velho documentário de passados tempos, vertente viva de estórias e de lendas. Meus anseios extravasaram a velha casa. Arrombaram portas e janelas e eu me fiz ao largo da vida. Vestida de cabelos brancos voltei à "Casa Velha da Ponte", barco centenário — encalhado no Rio Vermelho. Cora Coralina (Meu Livro de Cordel) Nesta casa nasceu Cora Coralina.

6 Mulher da vida minha irmã.

Pisadas, espezinhadas, ameaçadas.
Desprotegidas e exploradas.
Ignoradas da Lei, da Justiça e do Direito.

Necessárias fisiologicamente.
Indestrutíveis.
Sobreviventes.
Possuídas e infamadas sempre
por aqueles que um dia
as lançaram na vida.
Marcadas. Contaminadas.
Escorchadas. Discriminadas.

Nenhum direito lhes assiste.
Nenhum estatuto ou norma as pro-
tege.
Sobrevivem como a erva cativa
dos caminhos,
pisadas, maltratadas e renascidas.

Flor sombria, sementeira espinhal
gerada nos viveiros da miséria
da pobreza e do abandono,
enraizada em todos os quadrantes
da terra.

Um dia numa cidade longínqua,
essa
mulher corria perseguida pelos
homens
que a tinham maculado. Aflita, ou-
vindo
o torpel dos perseguidores e o sibi-
lo
das pedras,
ela encontrou-se com a justiça.

A Justiça estendeu sua destra po-
derosa
e lançou o repto milenar:
"aquele que estiver sem pecado
atire a primeira pedra".
As pedras caíram
e os cobradores deram as costas.

O Justo falou então a palavra
de equidade:
"Ninguém te condenou, mulher...
nem
eu te condeno".

(...)
Sem cobertura de leis
e sem proteção legal
ela atravessa a vida ultrajada
e imprescindível, pisoteada, explo-
rada,
nem lhe reconhece direitos
nem lhe dá proteção.
E quem já alcançou o ideal dessa
mulher,
que um homem a tome pela mão,
e levante e diga: minha compa-
nhieira.

Mulher da vida
minha irmã.

No fim dos tempos.
No dia da grande Justiça
do Grande Juiz.
Será remida e levada
de toda condenação.

E o Juiz da Grande Justiça
a vestirá de branco
em novo batismo de purificação.
Limparás as máculas de sua vida
humilhada e sacrificada
para que a Família Humana
possa subsistir sempre,
estrutura sólida e indestrutível
de todos os povos,
de todos os tempos.

Mulher da vida
minha irmã.

A leitura desse texto le-
va-nos ao cerne da poética
de Cora Coralina. Nele há a
construção de uma perso-
nagem enredada na dupli-
cação do outro e Cora-mu-
lher-da-vida, como ponto de
união das essências. É a
vontade da poetisa em triun-
far do nada, dos escombros
da humanidade, vencer a fa-
talidade. Ainda no contexto
do poema, a interação da



poetisa com a mulher da vi-
da não figura somente como
solidariedade, mas sobretudo,
pela ancestralidade que,
no dizer de José Fernandes,
"não é apenas um fator de
aproximação, mas de inter-
ligação e de conexão com o
outro em que dá-se a busca
da humanidade". Assim, ao
interligar-se ao outro, dá-se
a busca de si mesma, intro-
jetando no outro a sua ver-
dadeira identificação. Por
outro lado, é também uma
tomada de posição frente à
realidade concreta, uma crí-
tica implícita dos valores
puramente verbais, tornan-
do-se uma poetisa compro-
metida com os problemas
sociais. Assim, Cora Corali-
na desenterra a poesia que
está latente em todos os se-
res, mesmo os mais insigni-
ficantes, confirmando, deste
modo, a postulação de Ma-
nuel Bandeira: "poesia é o
eté em que tudo é mergu-
lhado e que, por sua vez,
penetra em tubo".

Outro tom forte de com-
prometimento manifesta-se
no poema "Vida de lavadei-
ra". Cora, ao tematizar a la-
vadeira, endossa o tipo de
linguagem que ela libera, e
efetua-se ao mesmo tempo o
desgaste de um corpo e de
uma escrita, da escrita do
corpo e do corpo da escrita.
Há em todo texto um tecer
de verdades. Uma tendência
para refletir, cada vez mais,

sobre o sofrimento dos des-
protegidos. Suas person-
agens não surgiram do acaso,
são frutos das experiências
pessoais, sublimados os
percalços da sua vida, atra-
vés de identificação com o
outro, que se apresenta co-
mo o outro dela mesma e
uma forma de atravessar as
fronteiras da própria exis-
tência. Sob este prisma, nos
versos do poema "Vida de
lavadeira" vibra um eu
consciente e assumido, pois
se o poema se não se encai-
xa à vida, perde sua razão de
ser. Por outro lado, a figura
da lavadeira está direta-
mente relacionada a outras cate-
gorias profissionais, enre-
dadas nas malhas da verda-
deira escravidão do mundo,
onde o conflito interior e a
luta pela sobrevivência se
acham comprometidos com
o discurso do poder. As limi-
tações e o estilhaçamento do
ser humano se comprovam
na linguagem e na partici-
pação da poesia, na miséria
de condição humana, como
mostram estes versos:

Sombra da mata
sobre as águas quietas
onde as iaras
vêm dançar à noite...
Façamos versos sem mentir
— onde batem roupa
as lavadeiras pobres

Sombra verde dos morros
no poço fundo

da Carioca
onde as mulheres sem marido
carregadas de necessidades
mães de muitos filhos
largadas pelo mundo
batem roupa nas pedras
lavando a pobreza
sem cantiga, sem toada, sem
alegria.

Quero escrever versos verdadeiros
Por que será, Senhor,
que a mentira se insinua
nos meus versos?
Onde vive você, poeta, meu irmão
que faz versos sem mentir?

É a partir da busca da ver-
dade da poesia que Cora Cor-
alina faz o questionamento
sobre o mundo e a condição
humana toma posição frente
à realidade concreta. Octávio
Paz observa que "poesia é
revelação da condição hu-
mana e consagração de uma
experiência histórica con-
creta". Assim, para a poeti-
sa essa participação poética
é o compromisso de si mes-
ma com o homem e sua
condição social, histórica e
existencial. Cora Coralina
não se fecha em seu fazer
poético, ela enfrenta o mun-
do quando o questiona. E
sentimos quando ela passa
da própria solidão à solida-
riedade. A poetisa chega a
ser irônica consigo mesma
ao efetuar a pergunta: "On-
de você vive poeta, meu ir-
mão/ que faz versos sem
mentir?"

Cora Coralina faz a per-
gunta às outras pessoas,
mas é dela mesma que quer
ouvir a resposta. Este olhar
para a alteridade que a leva
a questionar o compromisso
do poeta com a verdade e o
comprometimento com a
realidade social é o que lhe
permite maior aproximação
com a totalidade e maior
consistência com a história,
pois, como afirma Octávio
Paz "o poema, ser de pala-
vra, vai mais além das pala-
vras e a história não se esgo-
ta no sentido do poema; mas
o poema não teria sentido e
nem sequer existência, sem
a história, sem a comunida-
de que o alimenta e a qual
alimenta". É aí que cami-
nha a poesia de Cora Corali-
na, participativa, question-
adora, encontrando resson-
ância, porque do cotidiano
e das vivências pessoais.

A pergunta da poetisa ao
final do verso presentifica a
paráfrase do discurso do po-
der, pois à medida que
aponta para o discurso da
verdade, a mentira se ins-
taura, como elemento ca-
muflador da realidade. As-
sim, a poetisa passa a bus-
car no outro a linguagem
que não lhe é facultada.

De certo modo, "o povo
humilhado" que percorre a
poética coralineana não
aparece como objeto pito-
resco, mas como pessoas de
existência concreta que têm
como referentes seus ins-
trumentos de trabalho, co-
mo podemos observar no
poema "Todas as vidas":

Vive dentro de mim
a lavadeira do Rio Vermelho.
Seu cheiro gostoso
d'água e sabão.
Rodilha de pano.

Trouxa de roupa,
pedra de anil.
Sua coroa verde de são caetano.

Vive dentro de mim
a mulher cozinheira.
Pimenta e cebola.
Quitute bem feito.
Panela de barro.
Taipa de lenha.
Cozinha antiga
toda pretinha.
Bem cacheada de picumã.
Pedra pontuda.
Cumbuco de coco.
Pisando alho-sal.

Vive dentro de mim
a mulher roceira
— enxerto da terra,
meio casmurra.
Trabalhadeira.
Analfabeta.
De pé no chão.
Bem parideira.
Bem criadeira.
Seus doze filhos.
Seus vinte netos.

Vive dentro de mim
a mulher da vida.
Minha irmãzinha...
tão desprezada...
tão murmurada...
Fingindo alegre seu triste fado.

O poema "Todas as vidas"
é uma síntese de sua eidade
que se funde à essência dos
outros, aos afazeres dos ju-
stos. Assim, a poetisa en-
contra a essência de si
mesma. Assimilando a ex-
periência constante com os
outros seres é que ela con-
segue alcançar a essência de
cada um deles e se fazer o
duplo deles. O tempo pre-
sente corresponde a um de-
finido espaço social e histó-
rico, como afirmação inte-
gral do ser. Deste modo, Co-
ra instaura e constitui uma
visão de mulher, pois, con-
forme Octávio Paz, "o ho-
mem se realiza ou se com-
pleta quando se torna outro.
Ao se tornar outro, se recu-
pera, reconquista seu ser
original, anterior à queda ou
ao despertar no mundo, an-
terior à cisão em eu e outro
14". Com isso, diríamos que
a poetisa se completa quan-
do busca para si todas as
vidas, submersas dos es-
combros da miséria, da into-
lerância do homem. Tenta
com isso desnudar as feridas
da sociedade, elevando a voz
polifônica a entoar um him-
no de solidariedade e buscar a
transformação social do
homem e do mundo. A op-
ção pelo residual do huma-
no, é o fio a tecer sua poéti-
ca, que tem um compromi-
so humanitário. Ao se vivifi-
car em lavadeira, mulher
cozinheira, mulher roceira,
mulher da vida, simbolicamente
atinge a imortalidade
porque transubstanciada na
vastidão do Cosmos.

Cora, ecológica — Para
Alceu de Amoroso Lima, o
regionalismo literário, como
registro de uma região, se
manifesta "pela predomi-
nância da terra sobre o ho-
mem", enquanto que no te-
lurismo ocorre a interioriza-
ção dos elementos culturais
e paisagísticos, "concorren-
do para a existência de uma
simbiose entre o homem e a
terra". No regionalismo não
se promove a ascensão do
homem ao universal. O que
se dá é fixação ao local, sem
o transcurso da existência.
Já no telurismo, se processa
a fusão do homem com a

terra, exercendo um poder de elevação, um direcionamento para o encontro de sua linguagem e de sua essência.

Assim, as características locais são de tal modo metamorfoseadas que se transmudam em linguagem, em imagens e matérias poéticas que simbolizam a região. É o que acontece em "Poemas dos becos de Goiás e estórias mais", onde os elementos da terra são expressão de uma linguagem universal. Em decorrência, a obra coralínea converge para a definição de uma poética do telurismo onde a terra, a árvore, os frutos, os cereais, os animais saem da tessitura da reminiscência e se metonimizam em objetos do chão. O eu da poetisa se vê percebido pelas coisas do chão, pelo universo telúrico. Urge responder ao convite da terra que é o elemento vital de sua alquimia poética e elemento restaurador de sua essência no poema. É responsável pelo retorno à primatidade mítica, como podemos verificar neste fragmento:

Eu sou o amor à terra. Sou o amor à gleba.
Tenho uma profunda identificação com a terra e aos que nela trabalha. Me sinto profundamente identificada com ela.

As fontes do telurismo, ou seja, a natureza, o homem e as tradições extravasam o interior da poetisa, porque filtrado pela sensibilidade, pelo amor à terra e aos que nela trabalham. A terra é a força que inunda o universo da linguagem. E todas as coisas que se igualam ao ser humano assumem atributos humanos, tornando possível um graveto ser o homem.

Sou árvore, sou tronco, sou raiz,
folha,
sou graveto, sou mato, sou paiol.
E sou a velha tulha de barro.

Os signos, assim entendidos, trazem para o texto as coisas do chão. O real, as palavras e os motivos são transmudados em linguagem telúrica, para se transsubstanciar em novas formas de ser, para se igualarem ao ser humano, para atingir a carga máxima da poeticidade, porque poema não é senão "um romper os muros temporais, para ser outro" como dizia Octavio Paz. Incorporar os objetos da natureza, antes de tudo, é ampliar o universo do ser para a apreensão da realidade concreta.

Cora Coralina redimensiona a linguagem e assume o eu com os objetos nomeados, criando e deslocando novos sentidos sob o significado do signo que, **a priori**, aponta para a matéria do chão, para o inorgânico.

A fusão dos elementos da natureza com o eu poético tem sua origem na própria terra, pois, segundo a poetisa, todos os componentes da realidade têm sua origem no chão, inclusive o homem, o

que confirma o seu telurismo e a inserção no Cosmos, pois "O Cosmos é um organismo vivo, o que se renova periodicamente, e o seu modo de ser" e a sua capacidade de regenerar é expressa simbolicamente pela vida da Árvore, no dizer de Eliade.

No poitar da poetisa se instaura um mundo em que qualquer coisa, seja árvore, um pássaro, um graveto, um paiol, perde seu sentido natural, transsubstanciando-se em nova forma de ser, a simbiose do ser com a totalidade do universo:

Pela minha voz cantam todos os
pássaros, piam as cobras,
e coaxam as rãs, magem todas as
boiadas que vão pelas estradas.

Segundo o autor de **A loucura da palavra**, J. Fernandes, "o simbolismo da árvore, ligada à vida pe-

rene, não poderia dispensar, conjuntamente, a simbologia dos frutos". Colocamos o milho nesta trilha, uma vez que ele é situado pela poetisa no "Poema do milho", como planta sagrada, o arquétipo da renovação da vida e da infinitude. Ele é o canto da personificação do vegetal e da exaltação da força da natureza "ou a mais brilhante poetização da febre genética do vegetal", na concepção de Oswaldinho Marques. A poetisa, sábia, num único signo condensa os significados. Vejamos o poema "Oração do milho":

Senhor, nada valho.
Sou a planta humilde dos quintais
pequenos e das lavouras pobres.
Meu grão, perdido por acaso,
nasce e cresce na terra,
descuidada.
Ponho folhas e haste, e se me
ajudares, senhor,
mesmo planta de acaso, solitária,
dou espigas e devolvo em muitos
grãos
o grão perdido inicial, salvo por

milagre,
que a terra fecundou.
Sou a planta primária da lavoura.
Não me pertence a hierarquia
tradicional do trigo,
de mim não se faz o pão alvo
universal.
O Justo não me consagrou Pão da
Vida, nem lugar me foi dado nos
altares.
Sou apenas o alimento forte e
substancial dos que trabalham a
terra, donde não vinga o trigo
nobre.

Diríamos que a transmutação da poetisa em outros elementos da natureza, usando palavras de Heidegger, tem relação com "as angústias metafísicas oriundas do invólucro da miséria e limitações que impõe o estar no mundo". Assim, fundir-se ao milho, planta humilde dos quintais pequenos e lavouras pobres, vale dizer que o seu mundo é a reimplantação da condição miserável de vida por que passou, é a necessidade de fugir da solidão material e criar novos seres e domi-

nar o Cosmos, como forma de assegurar o tempo indefinível.

Portanto, Cora Coralina é aquela que busca, na intimidade do vegetal, o subtrato de sua vida, para transportá-la, através da sua palavra vibrante, às profundidades metafóricas da arte poética. Arrancar da neutralidade dos signos a essência do poético, porque "a poesia é a forma que contorna o caos da existência e lança o homem para o ser ou, pelo menos, para a possibilidade de ser", ensina J. Fernandes. Desta forma, a poetisa, ao criar realidades absurdas à lógica, está através da poesia ganhando o sentido sem sentido da existência.

O ser também se vegetaliza para tirar do chão o significado da vida. É com o "poema do milho" que a autora realiza o seu melhor trabalho poético, numa explosão de amor à natureza, onde o lavrador se transsubstancia no próprio elemento — a terra, para dela retirar as suas possibilidades de atualização, deixando instalar-se a sua passagem para o vegetal:

Çavador de milho, que está
fazendo?
Há que milênios vem você
plantando?
Capanga de grãos dourados a
tiracolo.
Crente da terra. Sacerdote da
terra. Pai da terra.
Filho da terra. Ascendente da
terra.
Descendente da terra.
Ele mesmo, terra.

Assim, diríamos que a força telúrica coralínea está enraizada na terra e, como já vimos, ela corrobora para a definição de sua poética, ela aparece em seu sentido primeiro como a **terra mater** "que dá nascimento a todos os seres", de que fala Mircea Eliade. Portanto, ao retomar o significado da terra em sua tessitura poética, dá-se o movimento da Gênesis, onde tudo se cria e se recria. Comprova-se que só a substância telúrica é capaz de tornar possível a reconstituição da vida, de que a terra é geradora do movimento perpétuo da criação, cuja energia é capaz de regenerar o próprio ser e transformá-lo em guardador do cíclico da vida que a alquimia telúrica instaura.

Concluindo, diríamos que é fundamental a força telúrica na feitura dos versos coralíneos. Um telurismo transfigurado que delinea os limites do geográfico e do regional para atingir o universal dos seus poemas.

MARLENE GOMES DE VEL-
LASCO — é diretora da casa de
Cora Coralina, na antiga Vila
Boa, hoje Cidade de Goiás. É
mestra pela Universidade Federal
de Goiás, de cuja tese extra-
ímos alguns excertos para o
presente texto.

Endereço para correspondência:
Casa de Cora Coralina —
Rua do Rosário — Cidade de
Goiás.

